

Falta o n.º 1.º

ESTUDANTE

PERIODICO LITTERARIO

Redacção de Diversos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ANNO I Desterro, 10 de Junho de 1885 N. 2

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS:

Por mez. 400 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos embora deixem de ser publicos.

ESTUDANTE

DESTERRO, 10 DE JUNHO DE 1885.

E' uma necessidade do espirito juvenil expandir-se em toda a amplitude do espaço, que lhe está traçado.

Os céos da litteratura, esse infinito de glorias, aonde estão engastados tantos nomes illustres, tambem podem supportar o nosso pensamento, embora fraco, embora despido ainda da grande valentia do renome.

Roma, a soberba Roma, o poder do braço e da idéa, não foi obra de um dia.

O enthusiasmo e a força de vontade fizeram-lhe aquelles dias soberbos de inimitavel coragem.

Assim como a planta nasce e cresce, como a flôr brota, abre e perfuma, as-

ap

sim tambem o nosso pensamento ha de ter forçosamente a sorte da flôr e da planta.

Ligado a lei do trabalho, d'este mestre do mundo, o espirito juvenil, colherá sem duvida, os fructos sazonados da sciencia no meio das grandes aclamações do futuro, cujas portas douradas, se abrirão de par a par á sua entrada triumphante.

O estudante é o soldado que lê nos livros os destinos da patria; é o cultivador da idéa que tem um dia de apontar aos seus concidadãos. Ávidos da lucta ingente em prol dos brios nacionaes, o mais seguro caminho para o triumpho; o estudante, é o principio de um grande nome, é a esperanza da patria, o céu com o clarão alvo e puro da madrugada, a oração do dia que começa, o pensamento avido de uma luz, a estrella que desponta.

COLLABORAÇÃO

O vôo do pensamento é incommensuravel, não tem limites traçados—é infinita a sua amplitude.

A sua liberdade é um direito outorgado a todo o ser pensante, e a manifestação publica é sempre permmissivel

des-le que não tende a desviar os povos do rumo civilizador que levam, ou atacar, derrubar o edificio da verdadeira moral.

No abraçamento d'esta theoria popular, o raciocinio e a intelligencia dos homens, em continuo labutar, crearam as sciencias, as artes, tu lo, emfim, que influencia, quer directa, quer indirectamente, no evoluir progressivo que se opera nas entranhas da humanidade.

Tudo quanto existe de maravilhoso, de admiravel, alcançado pela sciencia, como pela arte, ou pela industria, testemunha a sublimidade o poder da intelligencia humana; são a consequencia da sua grandeza.

Deixai, pois, que passe desembaraçado o «Estudante»; elle leva a manifestação amplamente livre e boa de um punhado de jovens que estudam porque têm sede de saber; que trabalham pelo engrandecimento d'esta porção de terra brasileira, porque são catharinenses.

Protegei-os, estimulai-os, emquanto seguirem caminho recto; porém, si a caça de assumptos, embrenharem-se na vossa vida privada—desprezai-os!

Quando illaquearem a vossa boa fé será ju-to que o castigueis com a severidade do vosso desprezo; emquanto, porém, não o fizerem, irão merecendo o concurso da vossa benevolencia.

L. B.

LITTERATURA

O Tumulo

Tão solenne como esta não ha de certo outra palavra na linguagem humana.

Leito onde vão socegar todas as ambições da vida; abysmo onde se submergem e desfazem todas as illusões; thalamo nupcial onde passam a ultima noite de suas nupcias as virgens que o Senhor encontrou immaculadas e vigilantes; berço das criancinhas que a morta arrebatou em flôr; monumento inseparavel da historia de todos os homens, para uns o unico, para outros o maior;—altar onde as religiões acenderão para sempre a lampada da sua fé e depositarão as palmas viventes da sua esperança; e abrirão os livros sagrados, na pagina em que está escripto —Deus, immortalidade,—o tumulo é a mais doce das tritezas, porque é synthese das recordações mais queridas, lição suprema, thesourc de aspirações divinas.

E-teve sempre um culto. Como não havia de tel-a, si nem a religião se explica sem elle, nem elle sem a religião?

Teve-o sempre. Percorrei o Egypto, a cada passo encontrareis um monumento talvez uma ruina, mas sempre um tumulo.

(Continuad.)

POESIA

A' ...

Sinto não ter do poeta
Doce lyra, sonora,
Para ti mulher formosa,
Offerecer-te meus cantos.

Para dizer-te mil vezes
Que com tua côr morena,
Com tua basta melena,
Com teu todo tão perfeito.

E's entre as rainhas todas
A rainha a mais formosa,
Do Desterro flôr mimosa,
De meu coração a deusa.

Quando sentada ao piano
Estás a predular,
Que mais d'um aujo ao canfar
Assemelham-se teus cantos.

Ah ! senhora de meus dias
Prenda de meu coração !
Não imaginas, oh ! não !
Quão divina me pareces.

Perdoai ao bardo pobre
Si n'um'hora de loucura,
A sua toda ventura
A ti mulher vem cantar.

Mas, que queres, si soubeste
Com teus tão puros olhares,
Prender-me todo, e ficares
Senhora de mim, pr'a sempre.

Perdoa, pois, si aqui venho
Tudo a teus pés depôr:
Meu coração, meu amor,
E minha vida tambem.

Desterro, 9 de Junho de 85.

X.

Illuminuras

Mutações

Ella brincava com o amor como um
gatinho brincando em um novello.

Nas chapinhas crepitantes de
seu espirito escava a volubidade ri-
sonha e infansosa. A inconstancia era
a veccos be murmurava-lhe segre-
char java-a pancadinhas nas faces
de mimpanha na bocca; tambem ella
ande, á mais feliz e alegre

Mas... chegou um dia em que as
mãos tremerão, lhe ao armar no ar o
laço attrahente e doce.

Apagou-se, caliu então do seu ame-
no céu essa brilhante estrella—a illu-
são; queda que ella viu atravez de
grossas lagrimas !

Luzia-lhe na fronte o primeiro ca-
bello branco.

JULIA LOPES.

A Tarde

O sol descahe
No horisonte
Atraz do monte
Já lá se vae.

No azulamento
D'um céu de rosa
Nuvem formosa
Voa com o vento.

O passarinho
Procura o ninho

No matagal.

O pastorinho
Os cordeirinhos
Traz pr'o curral.

Desterro, 10-6-85.

HELIO FLAVIANO.

Triolets

NO BAILE

A' RODOLPHO C. OLIVEIRA

Quando estavas alli contente
No meio de tantas gallas,
Tu sorrias mansamente
Quando estavas alli contente
No goso d'aquellas fallas
Que soavam brandamente
Quando estavas alli contente
No meio de tantas gallas.

H. BERLINCK.

A' C....

DEDICADO AO AMIGO H. BERLINCK.

Recordações de S. José

N'aquella noute formosa
Ao contemplar-te menina,
E ver-te assim tão mimosa
N'aquella noute formosa,
Lembrei-me de dar-te uma rosa
Ou uma mimosa bonina
N'aquella noute formosa
Ao contemplar-te menina.

* F. C.

OFFERECIDO A' N....

Eu vi te jovem formosa
Em uma tarde de Abril.
Parecida c'uma rosa
Eu vi-te jovem formosa
Quando ias tu mimosa
~~Em passo grande e subtil~~
Eu vi-te jovem formosa
Em uma tarde de Abril.

DUARTE SILVA.

Charadas

Na bocca esta nota é peixe. 2--1 *

Este animal n'esta bebida é leite. 2--1

No cyry esta nota é vidro. 2--1

Não é boa esta cidade no vapor. 1--2

Esta nota no assogue é panno. 1--2

Não é boa esta bebida n'esta nota, cor-
ta. 1-1-1.

P.

Reunião

Convida-se a mocidade estudiosa a
comparecer domingo 14 de Junho, no
prédio da rua Trajano n. 17, affim da
organisação de um club litterario.
A reunião é ás 11 horas.

As dicifrações das charadas do n. 1
d'esta folha são: «gatoramo», «cana-
rio», «valente» e «tucano».

Recebemos a «Lucta» e o «Mole-
que» importantes folhas que se publi-
cam n'esta capital.

Agradecemos aos collegas a delica-
deza que tiveram para conosco.

Chegada

Possuidos de intimo contentamento,
damos a noticia da chegada no paque-
te «Rio de Janeiro», do joven nosso
collega Reinaldo Pedro Macha lo, que
vem aqui completar os preparatorios
que lhe faltam.

Comprimntamos pois ao collega.

Declaração

Os nossos distinctos assignantes ou
as pessoas que desejam collaburar
n'este periodico, tem a bondade de
remetter os seus escriptos a Horacio
Berlinck e Fernando Caldeira.

IMP. NA TYP. E LITHOGRAFIA
ALEXANDRE MACHADO
RUA DE JOÃO PINTO Nº 1

THOGRAFIA
MARGARIDA
PINTO Nº 1